



HAL
open science

Darwinismo e o projeto da Unesco, do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (1946-1950)

Patrick Petitjean, Heloisa Maria Bertol Domingues

► **To cite this version:**

Patrick Petitjean, Heloisa Maria Bertol Domingues. Darwinismo e o projeto da Unesco, do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (1946-1950). 2006. halshs-00115079

HAL Id: halshs-00115079

<https://shs.hal.science/halshs-00115079>

Preprint submitted on 21 Nov 2006

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Darwinismo e o projeto da Unesco, do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica

(1946-1950)

Heloisa Maria Bertol Domingues (MAST/MCT)

heloisa@mast.br

Patrick Petitjean

petitjean-patrick@free.fr

Em junho de 1946, na sua primeira reunião preparatória, em Londres, a Unesco aprovou a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), que tinha como objetivo desenvolver conhecimentos científicos sobre a região tropical, considerando a Amazônia significativa para isto.

Porque a Unesco aprovaria o projeto de um brasileiro, Paulo Carneiro, para criar um instituto internacional que reuniria os países amazônicos, sendo 70 % da área brasileira? O projeto do IIHA estava inserido no centro de um debate, que se travava naquele momento, sobre o papel social das ciências e também quanto à redefinição do campo das ciências naturais marcado pela afirmação de um novo saber, a ecologia, e pela passagem da antropologia para o campo das ciências sociais. Tudo isto tinha como pano de fundo a teoria da evolução (darwiniana) o que facilitou a identidade do projeto do IIHA com os princípios que orientavam a política científica da Unesco.

Porém, o projeto do IIHA esbarrou em interesses e fortes resistências pois chocou-se com os princípios teóricos norteadores das práticas político-científicas até então desenvolvidas na região e, com isto, interrompeu-se um projeto de ciência internacional para os trópicos amazônicos.

Introdução

Em junho de 1946, na primeira reunião da Unesco, o bio-químico brasileiro, Paulo de Berredo Carneiro, apresentou o projeto de criação de um instituto internacional de pesquisas científicas na Amazônia, o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA). Seu objetivo era de conhecer a natureza tropical, em todas as suas dimensões.

Imediatamente o projeto foi aceito e, em abril de 1947, foi transformado num dos 4 projetos prioritários da instituição. Na segunda reunião geral da Unesco, que teve lugar no México, em novembro de 1947, Paulo Carneiro explicou que a recomendação de se tornar um projeto prioritário devia-se em primeiro lugar à estrutura internacional do instituto, pois ele reuniria 9 países (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Perú, Venezuela e as Guianas: Francesa, Inglesa e Holandesa) e diversas organizações internacionais (basicamente instituições americanas e a FAO da

ONU, que atuavam na região). Para a Unesco, o Instituto da Hiléia teria uma tarefa 'construtiva', se constituiria num laço pacífico entre as nações, numa fonte permanente de educação e cultura para os vastos territórios onde exerceria sua ação e num centro de pesquisa científica, que teria por fim a proteção e o aumento do conhecimento da fauna e da flora tropicais (Unesco 2C/99, 8/11/1947). Na Unesco a prioridade era de fato a reconstrução física, política e social de todos os países.

Para colocar em funcionamento o Instituto da Hiléia Amazônica, a Unesco decidiu criar um de seus escritórios de representação internacional, o único da América Latina, em Manaus. A fim de estruturar o IIHA, os representantes dos países que o comporiam, da Unesco e das representações internacionais (dos EUA e da ONU), reuniram-se duas vezes, uma em Belém, em agosto de 1947, e outra em Iquitos, Perú, em maio de 1948, com a finalidade de instituí-lo. Na primeira reunião decidiram as linhas de pesquisa do Instituto e, na segunda, foi assinada oficialmente a Convenção de criação do IIHA e foi criada uma diretoria Interina para dar início aos trabalhos. Esta Comissão reuniu-se, em seguida à reunião de Iquitos, em Manaus, cidade que sediará o novo instituto de ciências.

Todas as atividades do IIHA não duraram mais do que dois anos, praticamente o período da gestão do primeiro diretor geral da Unesco, Julian Huxley. Em setembro de 1948 a Unesco transferiu o escritório de Manaus para Montevidéu, onde está até hoje, e nos orçamentos dos anos seguintes não mais apareceu investimento no Instituto da Hiléia. Resistências de toda ordem acabaram por frear aquele projeto científico para a Amazônia.

No entanto, apesar de um projeto fracassado, ou talvez por isto, ele se torna importante historicamente, pois os seus princípios coincidiam com aqueles que deram base à Unesco, cujas linhas gerais eram tiradas da teoria de evolução darwiniana. Cooperação, inter-relações, diversidade de valores, comunicação, foram os princípios norteadores da Unesco no seu início, pois orientavam também a concepção darwiniana do discurso do primeiro Diretor Geral da instituição, Julian Huxley. Da mesma forma, o debate sobre os destinos da pesquisa em ciências naturais para a Unesco, obedeceu às mesmas idéias, guardando a diversidade das sociedades no mundo saído da 2ª guerra e cujo impacto científico dispensa comentários. Foi aquele um momento de redefinição do valor social das ciências naturais, bem como, dos seus campos de saber.

Portanto, a noção do papel social das ciências e a importância das ciências naturais na determinação do desenvolvimento da sociedade, que moldou o projeto do Instituto da Hiléia Amazônica não era original, era dominante dentre aquele grupo que estava à frente da Unesco, com destaque para Julian Huxley e Joseph Needham (primeiro Diretor da Seção de Ciências Naturais) e se caracterizou pelo que ficou conhecido como o 'humanismo científico' ou o 'humanismo evolucionista'.

Neste sentido, é importante evocar Michelle Duchet, para quem, seguindo Michel Foucault, as configurações do saber e as formações discursivas definem uma época – no sentido amplo – naquilo que ela tem de singular, e como um fragmento de um texto sempre inacabado¹. O projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica analisado como uma formação discursiva pode ser considerado um desses fragmentos que estava inserido no processo de configuração de um novo saber sobre o meio ambiente e sobre a sociedade.

Darwin, em *Descent of man* definiu evolução como um grande princípio que se compreende quando grupos de fatos são considerados em conexão com outros, tal como a afinidade mútua dos membros do mesmo grupo, sua distribuição geográfica, no passado e no presente, e sua sucessão geológica (p.386).

I – O evolucionismo na concepção internacionalista do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica

Ao analisar as justificativas do projeto do IIHA percebe-se o quanto ele estava moldado a partir dos mesmos princípios evolucionistas. Paulo Carneiro ao justificá-lo, disse que o projeto estava inserido no processo de evolução social (das civilizações), o que, por sua vez, era uma forma de relação internacional. No seu discurso aos militares, posteriormente publicado, começou fazendo analogia entre biologia e sociedade:

-“É lei da biologia geral que os organismos, à medida que se aperfeiçoam, aumentam a sua subordinação ao meio que os cerca. A evolução das civilizações está sujeita aos mesmos princípios.”

O aperfeiçoamento pela subordinação ao meio significava que as relações

¹ M. Duchet, *Le partage des savoirs, discours historiques, discours ethnologiques*. Paris, Editions La Découverte, 1985.

biológicas e por extensão as sociais que se estabeleciam entre homens e natureza e/ou relações entre diferentes sociedades e países, não denotava determinismo geográfico. A sociedade era representada como um conjunto orgânico e, “quanto mais avançadas mais dependentes do conjunto da humanidade.” Na sua visão, somente os povos primitivos poderiam viver isolados”. As relações humanas eram internacionais e podiam atingir um caráter planetário, aí estava a medida do progresso. Segundo Paulo Carneiro, “o *consenso orgânico é atributo da evolução social*”. Logo, a vida internacional era uma manifestação inseparável do nível de civilização atingido. O contrário, i. é, o isolacionismo, significava involução que levava à fome, à guerra, às revoluções².

O internacionalismo, de acordo com Paulo Carneiro, não ameaçava a integridade dos povos, pois, **a reação permanente do conjunto sobre as partes era a melhor garantia da independência e da liberdade de cada país**. Para Paulo Carneiro, que chegou a ser prisioneiro dos alemães durante a segunda guerra, o fascismo, o nazismo ou o bolchevismo eram patologias sociais condicionadas pela ruptura dos laços internacionais. Em uns e outros revelavam-se as mesmas aberrações psicológicas e políticas daí decorrentes: a hipertrofia do orgulho e do instinto demolidor, a agressividade imperialista, a compreensão das liberdades e o menosprezo da pessoa humana (p.6). Portanto, o projeto do IIHA rejeitava todas essas qualidades negativas.

Tal como a ONU, salientava Paulo Carneiro, que tinha por objetivo “promover a cooperação entre as diversas nações para resolver os problemas econômicos, sociais, culturais ou humanitários de caráter internacional”, compreendeu-se que a **interdependência** crescente dos povos tornaria cada vez mais evidente que os grandes problemas da época não comportavam soluções isoladas ou parciais. O mundo estava envolvido numa rede de organizações interdependentes que compreendia as mais diversas atividades.

Na Unesco, o projeto do IIHA estava conforme ao princípio de periferia desenvolvido por Joseph Needham, depois de sua estadia na China, o qual preconizava colocar países, cultural e economicamente diferentes, em

² P. CARNEIRO, O Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. Razões e Objetivos da sua Criação, Rio de Janeiro, 1950, p.5.

intercâmbio³. Este princípio de Needham, que ele chamava ecumênico, por sua vez, orientou o projeto da Divisão de Ciências Naturais da Unesco - “*As ciências e a tecnologia nos fornecem um meio particularmente eficaz de reforçar os laços que unem os diferentes povos do mundo em uma grande coletividade humana*”⁴ -, ou seja, também estava inserido no mesmo discurso de bases evolucionistas, produto das relações dos diferentes povos⁵.

Na verdade, o papel social das ciências e a idéia de internacionalismo nele contido, que previa a união das diferentes culturas como uma forma de desenvolver a compreensão mútua, era uma tradução da concepção biológica da evolução da natureza, tal como a vinha definindo Julian Huxley.

Em seu livro, *Evolution, the modern synthesis*, publicado em 1942, Huxley chamou a atenção para o fato da biologia não considerar a evolução como um progresso contínuo. Fazia objeções ao emprego do termo progresso porque seria impossível usar os correlativos, adiantado ou atrasado, para grupos ou organismos. Argumentam os biólogos, dizia, que um bacilo adapta-se tão bem a seu ambiente quanto um pássaro, ou um homem, sendo assim seria incorreto falar de “inferior” – “later” - ou “superior” - “higher -” para uma primeira forma de vida. Também não seria possível usar como critério a simples sobrevivência. O homem sobrevive, mas também o bacilo ou o tubérculo sobrevive. Sendo assim, porque se classificaria somente o homem como organismo superior; porque não a ambos? Um outro argumento similar dizia que os registros fósseis, indiretamente, mostravam o fato da evolução como especialização ou eficiência da adaptação aos modos de vida, mas esqueciam, dizia Huxley, que a maioria daquelas espécies estavam extintas. De acordo com *Descent of man*, dizia que para considerar a existência do progresso seria preciso que ele fosse comum a todos tipos de organismos.

Havia por outro lado, dizia ele, uma tendência a rejeitar a idéia de progresso, porém, quando se falava em degenerescência considerava-se o progresso evolutivo. Diante disso, a tarefa do biólogo consistia, não em definir progresso a priori, indutivamente, e ver onde ele encontrava evidências de um processo que podia legitimamente chamar de progressivo e podia tão bem provar que o fato

³ PETITJEAN, P. Needham, Anglo-French Ciculties and Ecumenical Science, in HABIB, S.H. and RAINA, D. *Situating the History of Science, Dialogues with Joseph Needham*, New Delhi, Oxford University Press, 1999.

⁴ Les Sciences de la Nature. Projet de Programme présenté à la 1ere. Conference General de l’Unesco, nov. 1946.

⁵ Embora Needham tivesse feito restrições às mesmas idéias de Huxley que guiaram o seu grande projeto de História da Humanidade, lançado na Unesco no crepúsculo de sua gestão (V. Petitjean, op.cit.)

seria parcial ou universal. Com relação ao progresso humano, em artes mecânicas, por exemplo, seria possível considerá-lo progressivo, estagnado ou regressivo, dependendo do lugar no mundo (ou do momento) onde ele seria observado. Logo, evolução podia perfeitamente incluir progresso sem ser progressiva. **“A seqüência do progresso histórico revela que não há via progressiva”** ⁶(grifo meu).

Nesse sentido, para definir evolução, embora considerasse meio impossível fazê-lo, colocava em primeiro lugar a **diversidade**, isto é, a descontinuidade representada pelas ‘boas espécies’ e por algumas sub-espécies que constituíam uma favorável posição-equilíbrio no processo de diferenciação taxonômica. Em segundo lugar era preciso considerar que havia um número muito grande de diferentes espécies (de plantas e de animais) diferindo nos seus modos de origem e nas suas características biológicas (Huxley, 1948:154). Porém, as espécies constituíam **unidades biológicas**, cujas relações eram marcadas por parciais ou completas **descontinuidades** que podiam se originar de diferentes e variados **fatores**, dos quais os mais importantes eram o **geográfico, o ecológico e o genético**.

A diferenciação geográfica, ou separação espacial é o fator primário que pavimentava o caminho da divergência biológica e subsequente descontinuidade. Na diferenciação ecológica o fator primário é a divergência na especialização funcional numa mesma área geográfica (p. 154).

Considerava que as maiores divergências quanto à adaptação dos grupos eram as ecológicas, no que concerne à adaptação em diferentes meios e especialmente a diferentes modos de vida. Assim, “a evolução é determinada (em vários graus e em formas diferentes) não somente pelo tipo de seleção, não somente pela frequência da mutação, não somente pela história passada das espécies, mas também pela natureza dos efeitos do desenvolvimento dos gens e do processo ontogênico em geral (p. 555). A partir dessa idéia Huxley definia o conceito de **humanismo científico**, cunhado por ele.

⁶ A afirmação de Huxley marcava a fronteira entre antropologia do final do século XIX, que, sob a prática craniométrica e a ideologia da marcha contínua da ‘civilização’ dividia homens e sociedades em inferiores e superiores. Esta prática que deu base ao chamado darwinismo social foi na verdade desenvolvida por inimigos históricos da teoria de Darwin (Domingues, H.M.B. e Romero Sá, M. Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX, in H. M. Bertol Domingues, M. Romero Sá, T. Glick, A recepção do darwinismo no Brasil, Rio, Ed. Fiocruz, 2003, p. 97-123).

II – Entre o meio físico e a sociedade: ecologia e/ou ciências sociais

Para Huxley, a demonstração da existência de uma tendência geral que podia ser chamada de progresso, juntamente com a definição de suas limitações permaneceria como uma contribuição fundamental da biologia para o pensamento humano, principalmente se se tratasse de interpretar o homem. Na verdade, Huxley interpretava o homem como uma unidade que está em relação com o seu meio e que, ao mesmo tempo, se distingue dos demais “seres vivos”, jogando um papel decisivo no processo evolutivo porque atua com as suas faculdades mentais em união com o resto do seu corpo. Ou seja, o homem tem autonomia em relação ao resto da natureza, o que para Huxley era o humanismo⁷.

A idéia de humanismo científico ou humanismo evolutivo foi recorrente no discurso de Huxley e ele chegou a lançar a idéia de criar um instituto de pesquisas que se chamaria *Novo Humanismo* – novo porque baseado na biologia - e esta idéia estava à frente da definição das linhas de pensamento que orientariam suas atividades na Unesco e naquele momento, por serem fundadores estavam definindo também o pensamento dominante da própria Unesco. Esta idéia, em síntese, considerava homem e natureza, como uma unidade, pois ambos consistem nos mesmos elementos materiais e até mesmo possuem em comum certas propriedades mentais, considerando-se as formas mais altas de vida, mas também leva em conta os vários aspectos da transcendência do homem em relação à natureza. Ou seja, considera o homem no seu desenvolvimento individual e social que inclui suas limitações psicológicas, capacidades, potencialidades e a estrutura do trabalho das sociedades humanas, e seu processo de desenvolvimento no tempo, sua história passada e futuras possibilidades; seus limites no avanço do controle e compreensão da natureza e disciplinas mentais ⁸.

O Humanismo Evolucionista era uma ideologia – que ele mesmo ressalta, na falta de uma palavra melhor -, e na sua visão funcionalista esta ideologia seria uma espécie de órgão estruturante da sociedade, cuja função era orientar o homem na jornada da vida e na sua história, dando-lhe força e direção, por isso ela era evolucionista. Ele usava a palavra evolução no sentido amplo, que abrangia o cosmos, em todos os seus aspectos – inorgânico, orgânico, psicológico e social – que está sujeito a mudanças constantes e irreversíveis e cujo presente somente pode ser

⁷ Idem.

⁸ J. Huxley, Notas datilografadas. Needham Archives, Cambridge, UK, p. 3

compreendido á luz da história. Não somente a vida humana, mas o meio ambiente humano; o externo da natureza e o interno, da sociedade, eram considerados nesta ideologia. Para ele, esta nova ideologia era uma visão da teoria da evolução que dava especial atenção às potencialidades do homem e seu desenvolvimento (social e conseqüentemente biológico, se se pensar que ambos constituem uma unidade) (id. p.2). Homem e meio estavam no centro das preocupações de Huxley.

Neste sentido, vale lembrar o depoimento de Ernest Mayr, ao completar 100 anos, há poucos meses atrás, dizendo que a biologia nos anos 1930 enfrentou dois problemas que estavam ainda insolúveis, a questão da adaptação das mudanças populacionais e a da origem da biodiversidade, o que com os trabalhos posteriores de Dobzhansky deu origem ao que ele mesmo classificou como a nova síntese da teoria da evolução⁹. Ele destaca, entre outros, como iniciadores destes trabalhos revolucionários R.A. Fisher, J.B. S. Haldane e S. Wright, e na esteira destes os de Julian Huxley e os dele próprio.

Huxley, que publicou o livro *Evolution, the modern synthesis*, na introdução rendeu tributo a Fisher e Haldane, dizendo que devia a ambos grande parte de sua interpretação da teoria. Talvez, não por acaso, eles fizessem parte de um grupo de cientistas, socialmente especial, que, inseridos no contexto em que viviam, colocavam em questão o papel social das ciências, combateram os autoritarismos daqueles anos e, principalmente lutaram pela manutenção da paz mundial através da instituição de mecanismos reguladores das relações internacionais científicas, e culturais, como foi o caso de Huxley na Unesco e seus projetos educacionais ou a criação de institutos interanacionais de pesquisas científicas, dos escritórios científicos internacionais da Unesco e o próprio Instituto Internacional da Hiléia Amazônica.

No projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, a questão da diversidade geográfica, da singularidade do trópico amazônico e o problema do homem, visto como parte do meio físico, foi o cerne da sua justificativa, tanto quanto foi a cooperação científica internacional. Segundo Paulo Carneiro, as pesquisas das ciências naturais estavam a reclamar o estudo do solo, da flora, da fauna, dos

⁹ E. MAYR, 80 Years of Watching the Evolutionary Scenery, www.sciencemag.org, p. 46. Observe-se que Dobzhansky realizou na década de 40 vários trabalhos no Brasil, inclusive na Amazônia, formou um grupo de geneticistas no país (v. GLICK, T.A Fundação Rockefeller in DOMINGUES et al, A recepção do darwinismo no Brasil, Rio, ed. Fiocruz, 2003).

recursos naturais, do clima, do homem, diante dos problemas que as sociedades vinham enfrentando com o esgotamento dos solos aráveis e das reservas naturais, frente ao aumento crescente da população mundial¹⁰. Dizia ele que a carência de alimentos já era sentida em muitos lugares e este **processo tal como vinha evoluindo** estava levando ao esgotamento dos recursos da natureza. E, na mesma linha interpretativa de Huxley, ele dizia que: “**Das ações e reações de uns sobre os outros resulta o estado de harmonia entre o homem e o meio. O número de fatores em jogo e a sua modificabilidade torna, porém, extremamente instável o equilíbrio biótico**”. E completava: “**toda organização social repousa sobre essa economia biológica, formando com ela um sistema fechado, uma unidade orgânica, em que se entrelaçam, numa trama indivisível, os recursos naturais, a população e os artefatos**”.

Eram as condições ecológicas da Amazônia que estavam em questão no projeto de estudo da natureza, nas suas analogias com outras regiões semelhantes como as da África ou da Ásia e as demais planícies equatoriais úmidas. Assim, a Amazônia era vista como uma espécie de laboratório da natureza tropical e as observações nela realizadas dariam o sentido de um balanço sistemático da ecologia tropical. O conhecimento exato das condições físicas e biológicas só seria possível se os estudos abrangessem o conjunto da região; considerando que eram **interdependentes**. Neste sentido, pode-se dizer que a idéia de Ecologia se confundia com a de humanismo científico pois a **unidade** e a **interdependência das partes** definia a ambas, como confirma as palavras de Paulo Carneiro:

“A imensa planície cortada de caudais e recoberta de matas, é um sistema vivo, em que os solos, as águas, as plantas, os animais e o homem se integram numa vasta simbiose.”

A identidade do projeto do Instituto da Hiléia Amazônica com as idéias dominantes na estrutura da Unesco fica claro não somente pela comparação dos textos, o próprio Paulo Carneiro havia constatado o fato. Disse ele que havia discutido o projeto com os cientistas mais versados em “**ecologia vegetal, animal e humana**”, na Comissão Preparatória da Unesco, em Londres, em maio de 1946, e o aspecto científico do projeto fora o motivo do interesse despertado sobre ele (op. cit. p. 21, 22).

¹⁰ Op. cit.

A concepção de natureza sobre a qual foi construído o projeto do IIHA estava no centro do debate que definia a ciência Ecologia. O que não é uma constatação nova pois os historiadores da Ecologia hoje concordam que a *Origem das Espécies* foi uma das principais fontes da formação da ecologia moderna¹¹. Conforme afirmam Catherine e Raphael Larrère, uma genealogia do darwinismo em relação à ecologia pode ser traçada a partir dos naturalistas que fundaram a biogeografia da qual Darwin partiu e mostrou que ela não se dava apenas pelo mecanismo físico, mas pela descendência histórica, o que coincide com as declarações de Mair¹². Para estes historiadores, a teoria da evolução colocou em causa o determinismo do meio físico (antiga teoria dos climas) bem como a explicação finalista. Ao mesmo tempo, o darwinismo, ao mostrar o parentesco da humanidade com todas as outras espécies, permitiu superar a divisão entre sujeito e objeto e desta forma o homem passou a se ver como parte da natureza e não mais a olha de fora, como algo a dominar (id.). Neste sentido, a analogia com a idéia de 'humanismo científico' fica muito fácil. Vale ressaltar ainda que Julian Huxley esteve à frente do projeto de História Científica e Cultural da Humanidade cujo concepção teórica partia dos mesmos princípios do humanismo científico.

No mesmo contexto científico em que se configura esta nova visão da natureza afirma-se também uma diferente visão científica do homem, e surgiram os trabalhos que foram classificados como sendo de ecologia humana, ou de antropologia ecológica, ou de etno-ecologia. Nesta visão, segundo a análise de Georges Gilles-Escuret, a teoria de Darwin mostrou que não há divisão entre natureza e sociedade, tampouco, diluição de uma na outra; o fato social procede historicamente e logicamente do fato ecológico, mas, ao mesmo tempo, ele se desprende historicamente e logicamente a ponto de gerar outros fatos ecológicos. Trata-se de duas formas de organização estreitamente interdependentes e distintas que agem uma sobre a outra de inúmeras maneiras. **“Mais o funcionamento de uma se torna**

¹¹ Jean-Marc DROUIN, *L'Ecologie et son Histoire*, Paris, Flammarion, 1991, p. 80.

¹² C. et R. LARRÈRE, *Du bon usage de la nature. Pour une Philosophie de l'environnement*, Paris, Aubier, 1997, p.81. “São eles (os naturalistas) que fazem o inventário dos recursos naturais e, de maneira utilitarista, sobre as plantas diziam se era possível ou interessante aclimatá-las na Europa, prendendo-se as determinações físicas e particularmente climáticas, são eles que assinalam um lugar às plantas e aos animais. Assim apareceu a biogeografia que levou Darwin a observar que não apenas a lugar, o clima ou o solo, ou seja, não somente a ação mecânica das causas físicas fazia a diferenciação das espécies. Para dar conta da distribuição geográfica das espécies, bem como dos caracteres diferenciadores que algumas delas podem ter em comum, era preciso considerar uma dimensão temporal, a das filiações. É preciso admitir que o sistema natural tem por base a descendência com modificações, e que os caracteres observados pelos naturalistas como indicando suas afinidades reais são aqueles devidos por hereditariedade a um parente comum. Logo, toda a classificação verdadeira é genealógica.”

distinto do funcionamento da outra, mais os seus efeitos se encadeiam e respondem mutuamente¹³.

O IIHA não somente foi concebido sob a esta idéia ecológica que se vamos classificar darwiniana, mas também teve oportunidade de dar um passo na prática da idéia. Após a primeira reunião do IIHA, realizada em Belém em 1947, iniciaram-se os projetos para dar início às atividades científicas. O conhecido etnólogo, Alfred Métraux, que participou da preparação e da primeira reunião do IIHA, apresentou à Unesco um projeto intitulado *Principais objetivos da Seção de Antropologia do IIHA*, enfatizando a diversidade cultural da Amazônia e a importância de estudá-la e entender a sua geografia cultural (as áreas culturais) e, na medida do possível, entendê-la pela história. Sugeriu assim a realização de pesquisas neste sentido como plano de trabalho para o IIHA, o que efetivamente se realizou.

Dois trabalhos a Unesco logrou realizar pelo IIHA. Um deles realizou-se em Gurupá, no Pará, e teve como chefe o antropólogo americano Charles Wagley, que foi acompanhado do brasileiro Eduardo Galvão. O trabalho de Wagley foi tomado como exemplar no estudo das correlações entre as condições do meio e o estado social dos homens, em que mostrou, no seu Amazon Town, que este sofre as influências de fatores históricos expressos nas condições sociais, na política colonial (no caso), na economia da indústria extrativista¹⁴. A afirmação partiu de outro antropólogo americano, Stanley Cain, num texto chamado "Ecology in the service of man" escrito, em 1953, para a Unesco, onde era considerado um especialista em estudos ecológicos.

Conclusão

Os princípios ecológicos evolucionistas embutidos no projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica conflitaram com a herança do colonialismo

¹³ G. Guille-Escuret, *Les sociétés et leurs natures*; Paris, Armand Colin, 1989, p.65.

¹⁴ S. A. Cain, *Ecology in The Service of Man*. Unesco, Assistência Técnica, 1953. O segundo trabalho, foi a Expedição ao Vale do Rio Huálaga, no Perú, chefiada pelo entomólogo espanhol, naturalizado mexicano, Candido Bolivar, e cujo antropólogo foi Anibal Buitron, indicado por Métraux. O relatório apresentado por Buitron foi minucioso, descrevendo as condições físicas do meio e dos habitantes e, também as condições sociais dos vários lugares que visitaram no Vale. Foi reconhecido como um trabalho de Antropologia social, porém, isto não impediu que o relatório final da Expedição, enfatizando fortemente o potencial de riquezas da região, acabasse por servir de incentivo à imigração colonizadora.

imperialista do século XIX, tanto em relação à abordagem da natureza quanto dos estudos do homem, o que certamente foi um dos fatores do esvaziamento e fracasso do projeto. Nesta época, estruturavam-se projetos políticos prevendo o estudo da Amazônia com a finalidade de desenvolver a agricultura e a imigração de pessoas que pudessem realizá-la. O IIHA teve um momento de aceitação quando se pensou que ele seria transformado na agência desta política¹⁵. Porém, a proposta de colonização da Amazônia, apresentada em Belém, pelo diretor do Instituto Agrônomo do Norte, foi veementemente rejeitada. Ele pretendia aprofundar a dicotomia homem/natureza na medida em que o primeiro seria o agente da exploração da segunda.

Partindo da premissa de que “a natureza é universal” as pesquisas científicas do IIHA teriam como objetivo o conhecimento e a utilização do “imenso reservatório”. Objetivavam desenvolver a botânica, a zoologia, a geografia, a meteorologia, a pedologia, a bioquímica vegetal, a fisiologia animal, a medicina, a antropologia, a ecologia tropical¹⁶. Em 1952, foi criado o Instituto Internacional de Pesquisas da Amazônia, pelo CNPq, que teve entre os seus idealizadores Paulo de Berredo Carneiro. Tendo passado a funcionar apenas em 1954, o INPA foi projetado para dar continuidade nacional aquele projeto internacional.

Bibliografia

C. DARWIN, *The descent of Man, and selection in relation to sex*. Princeton, New Jersey, 1981. Reprint of the 1871 edition, published by J. Murray, London

J. HUXLEY, *Evolution, The Modern Synthesis*, London, George Allen & Unwin, 1948 (5ª Edição). A primeira edição foi em 1942.

S. I. HABIB and D. RAINA, *Situating the History of Science. Dialogues with Joseph Needham*. New delhi, Oxford University Press, 1999.

¹⁵ H.M.B. DOMINGUES e P. PETITJEAN, A UNESCO, o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e a Antropologia no final dos anos 40, in FAULHABER et alli, *Conhecimento e Fronteira: História da ciência na Amazônia*, Belém, MPEG, 2001, p. 83-109.

¹⁶ Carta de Fred Sopper, representante americano e presidente da reunião de Belém, a Julian Huxley, em 08/08/1947 (Unesco 2C/18).